

REDE TECNOPOLÍTICA, DEMOCRACIA E TERRITÓRIO

Vol. I

TAMARA TANIA COHEN EGLER
(ORGANIZADORA)



LETRAPITAL



Coletânea do INCT Inovação, Redes e Territórios Vol. I

Pensar as relações entre redes sociotécnicas, democracia e território é a questão que analisamos no presente livro. Ele se origina de um esforço de trabalho coletivo, que exigiu a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade para fazer a análise das mutações decorrentes das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) sobre a democracia e o território. A importância do *campo* pode ser reconhecida quando consideramos que as corporações de informática, conhecidas por Gafas, ampliam a fluidez da comunicação no espaço urbano, permitem formas de agregação social em rede sociotécnica e a difusão rizomática de narrativas que podem desinformar, o que compromete o pleno exercício da democracia quando promove mutações sobre as relações políticas de dominação e de libertação, no Brasil e – por que não dizer? – no mundo. Esse é o desafio do presente livro: publicar os resultados das pesquisas que foram desenvolvidas no Labespaço/IPPUR/UFRJ, focadas na análise de redes tecnopolíticas transcendentais e imanentes.

Tamara Tania Cohen Egler

*Professora Titular do IPPUR/UFRJ
Coordenadora do INCT Inovação,
Redes e Territórios
Pesquisadora do CNPQ
Cientista do Nosso Estado da Faperj*

REDE TECNOPOLÍTICA, DEMOCRACIA E TERRITÓRIO

Tamara Tania Cohen Egler (ORG)

EIXO I – Rede tecnopolítica e democracia

Rede tecnopolítica de extrema direita e democracia no Brasil

Tamara Tania Cohen Egler

Thiago Costa Pereira

Rede nacional de desinformação:
um problema público

Rafael Barbosa Simões

Entre estradas e percursos:
ação imanente do Coletivo
Educação do Campo do
Norte Fluminense

Marcelo Cavalcanti Vianna

EIXO II – Rede tecnopolítica e transformação do território

Rede sociotécnica e território
nas Olimpíadas do Rio

Tamara Tania Cohen Egler

Fabiana Mabel de Oliveira

Lalita Kraus

Heitor Silva

Autódromo de Deodoro ou Floresta
do Camboatá: redes tecnopolíticas
no território

Juan Salmenton

A rede #elenão: condições
objetivas e subjetivas de organização
e resistência no território

Carolina Oliveira de Andrade Lemos

Tamara Tania Cohen Egler
Organizadora

REDE TECNOLÓGICA, DEMOCRACIA
E TERRITÓRIO
Volume I

LETRAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Copyright © Tamara Tania Cohen Egler(Org.), 2024

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITORES Tamara Tania Cohen Egler

João Baptista Pinto

CAPA Thiago Costa Pereira

EDTORAÇÃO Jenyfer Bonfim

REVISÃO Rita Luppi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R249

Rede tecnopolítica, democracia e território, vol. I [recurso eletrônico] / organização Tamara Tania Cohen Egler. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024.

172 p., recurso digital (Inovação no espaço sociotécnico ; 1)

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-937-5 (recurso eletrônico)

1. Comunicação de massa - Aspectos políticos. 2. Territorialidade humana. 3. Sociologia urbana - Inovações tecnológicas. 4. Livros eletrônicos. I. Egler, Tamara Tania Cohen, 1948-. II. Série.

24-88393

CDD: 307.76

CDU: 316.334.56

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236/2215-3781
www.letracapital.com.br

Sumário

Introdução à coletânea <i>Inovação no Espaço Sociotécnico</i>	8
Apresentação.....	11
<i>Tamara Tania Cohen Egler</i>	
Eixo I – Rede tecnopolítica e democracia	23
Rede tecnopolítica de extrema direita e democracia no Brasil	25
<i>Tamara Tania Cohen Egler</i> <i>Thiago Costa Pereira</i>	
Rede nacional de desinformação: um problema público	47
<i>Rafael Barbosa Simões</i>	
Entre estradas e percursos: ação imanente do Coletivo Educação do Campo do Norte Fluminense	74
<i>Marcelo Cavalcanti Vianna</i>	
Eixo II – Rede tecnopolítica e transformação do território	93
Rede sociotécnica e território nas Olimpíadas do Rio	95
<i>Tamara Tania Cohen Egler</i> <i>Fabiana Mabel de Oliveira</i> <i>Lalita Kraus</i> <i>Heitor Silva</i>	

Autódromo de Deodoro ou Floresta do Camboatá: redes tecnopolíticas no território	115
<i>Juan Salmenton</i>	
A rede #elenão: condições objetivas e subjetivas de organização e resistência no território	146
<i>Carolina Oliveira de Andrade Lemos</i>	
Lista de autores	168

Introdução à coletânea *Inovação no Espaço Sociotécnico*

A questão maior para a organização desta coletânea é a publicação de uma experiência intelectual que reúne um conjunto de pesquisadores no âmbito do INCT Inovação, Redes e Territórios, dedicados a fazer a análise das relações entre os avanços da ciência da computação – que se estendem rizomaticamente pelo mundo –, seus resultados sobre a humanidade e sua representação nos territórios. Nessa fronteira foi possível ler um conjunto de esforços analíticos de diferentes disciplinas, focadas no desenvolvimento de uma epistemologia capaz de dar conta dos processos de transformação em curso. A Computação foca no desenvolvimento da técnica. A Comunicação analisa as narrativas. A Sociologia analisa as relações humanas. A Geografia pensa as alterações na estruturação do território. A Arquitetura utiliza novos programas de informática para fazer projetos. Cada disciplina faz o avanço a partir de seus próprios paradigmas, seguindo seus modelos e padrões.

A ideia é propor um novo ponto de observação, capaz de fazer a síntese das variáveis. O centro de nossa proposta está no desenvolvimento dos fenômenos que estão transformando o espaço social no mundo. É preciso conceber a inovação como um sistema de produção que está atingindo a humanidade em todas as suas dimensões, porque ele reinventa a política, a economia, a integração social, a cultura e as formas de estruturação do território.

Nosso intento é produzir um novo olhar sobre a problemática e propor uma mudança de ponto de observação sobre o objeto que compartilhamos: é olhar, ver e pensar este mundo, que existe e que veio para ficar. Os problemas da inovação não são pequenos, eles se

encontram em mutação contínua, e presentes em todas as condições de nossa existência.

O desafio é conceber a inovação como um sistema de produção que está atingindo a humanidade em todas as suas dimensões, produz importantes transformações sobre o espaço, reinventa a política, a economia e a integração social. A propositura é abandonar as disciplinas e seus paradigmas para formar um novo campo que associa inovação técnica e transformação do espaço social.

Para alcançar esse objetivo, trata-se de superar as divisões tradicionais das disciplinas entre Engenharia, Ciências Sociais, Geografia, Comunicação, Arquitetura e Urbanismo, entre outras, para reencontrar os fios condutores de uma análise sobre a totalidade do objeto em observação, considerando sua indivisibilidade. É preciso construir uma teoria, integrando a genealogia dos conceitos das disciplinas originárias, para produzir um modo de pensamento capaz de orientar um modo de operação que orienta e organiza a prática científica.

O desígnio da presente coletânea é formar um campo que seja capaz de aplicar a universos distintos o mesmo modo de pensamento. Desvendar essa complexidade para fazer uma pesquisa que seja capaz de operar a análise dos processos que lhe dão origem, para o bem e para o mal. É preciso considerar que o nosso INCT Inovação, Redes e Territórios foi formado com a participação de professores do Planejamento Urbano e Regional, tradicionalmente focado em princípios de multidisciplinaridade, uma prática científica apoiada em diferentes teorias, e uma interdisciplinaridade para produzir a interação conceitual. Ele é produto de uma longa história que se realizou ao longo de muitos anos de pesquisa, no âmbito do Laboratório Espaço, onde foram realizadas pesquisas e suas interlocuções, e atualmente permite a formação de uma rede de pesquisadores que associa um conjunto de laboratórios, de diferentes universidades no Brasil, e reúne em torno de 50 pesquisadores. Sua pesquisa está estruturada nos seguintes eixos:

- Capitalismo digital
- Inovação, ciência e território
- Tecnopolítica, democracia e espaço mundo
- Inovação sociotécnica e desenvolvimento do território
- Corporações, tecnologia e políticas urbanas
- Tecnopolíticas na política urbana
- Digitalização da vida cotidiana
- Inovação sociotécnica e cultura

Para contribuir ao debate e produzir uma coletânea focada nos eixos acima indicados, o centro da análise está no desvendamento dos avanços da inovação e suas derivações sobre o espaço sociotécnico. Esse é o desafio maior desta coletânea: apresentar os resultados de novas pesquisas e examinar os fenômenos e suas derivações, realizados ao longo dos últimos anos, nos laboratórios associados à rede do INCT Inovação, Redes e Territórios. E com isso contribuir para o avanço e difusão do conhecimento.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2024

Tamara Tania Cohen Egler

Professora Titular do IPPUR/UFRJ

Coordenadora do INCT Inovação, Redes e Territórios

Pesquisadora do CNPQ

Cientista do Nosso Estado da Faperj

Apresentação

Tamara Tania Cohen Egler

Pensar as relações entre redes sociotécnicas e território é a questão que analisamos no presente livro. Para realizar esse movimento analítico foram necessários alguns anos de pesquisa. O pensamento analítico é um processo que exige muitas horas de trabalho sobre o objeto identificado. São perguntas que se sucedem, e a cada etapa se encontra um determinado resultado que conduz para outras perguntas e assim sucessivamente. O trabalho de pesquisa é assim, não acaba nunca. Ele se origina de um esforço e trabalho coletivo, que exigiu a multidisciplinaridade que associa ciência informática, política, comunicação, geografia para fazer a análise das transformações decorrentes da inovação tecnológica sobre o processo espacial. Para fazer essa interação conceitual foi necessário examinar a dimensão material, em seus dispositivos de informática, na sua fluidez, que permite alta velocidade da comunicação, na espacialidade que permite a conexão, e coletivos, em diferentes lugares do espaço mundo, que formam as redes sociotécnicas. E de sua dimensão imaterial, lida nas relações sociais que dela derivam, quando se estabelecem formas de interação social em coletivos, que se articulam em torno de objetivos compartilhados de ação, inauguram formas organizativas e conectivas no tecido social (Latour, 2012). Para ampliar as possibilidades de participação social na política (Empoli, 2021).

Para analisar as relações entre redes tecnopolíticas, democracia e território é necessário primeiro focar no espaço, para depois examinar como se formam as redes sociotécnicas, e seus efeitos sobre a democracia, para, então, examinar seus resultados sobre as mutações do território. Por isso a referência principal é Milton Santos (1994) e Ana Clara Torres Ribeiro (2012), que no diálogo entre Geografia e

Sociologia nos ensinam como o Espaço é produto de relações materiais, técnicas e relações imateriais, sociais que, combinadas numa mesma totalidade formam o espaço, que se transforma ao longo dos diferentes contextos históricos. Mais do que isso, é resultante das relações que se estabelecem entre “objetos, fluxos e ações” que formam a “tecnoesfera e a psicoesfera”. A pergunta é: o que acontece com o espaço urbano industrial quando a inovação informática, observada nos dispositivos técnicos – como computadores, redes de transmissão, servidores, sistemas de informática, celulares – se sobrepõem ao espaço construído da sociedade industrial?

Para examinar os diferentes contextos históricos, nossa responsabilidade é demonstrar como ela se transforma, à luz das mutações tecnológicas. É importante reter que o espaço urbano plasma os processos históricos que lhe deram origem. Quer dizer, as tecnologias se sobrepõem umas sobre as outras e determinam novas práticas espaciais. Por isso, não se trata de estudar as coisas em separado, mas elas devem ser reconhecidas na sua totalidade. Esse é o nosso desafio: compreender as mutações do espaço urbano, no contexto de uma sociedade cada mais vez mais tecnologizada.

Não menos importante é dialogar com Bruno Latour (2012) ao analisar a organização da sociedade que propõe a teoria do Ator-Rede. Ele tem por objetivo renovar a constituição do social, seu desígnio é repensar as formas de organização social a partir da inovação. O ponto de partida considera a ação e busca identificar tudo que produz uma ação e tem materialidade e imaterialidade, isto é, os objetos são capazes de agir e transformar. A teoria do Ator-Rede (TAR) foca na existência coletiva e propõe que ela é produto das relações entre humanos e não humanos. Ela é orientada ao objeto, cuja proposta é redefinir a sociologia a partir de uma sociologia das associações. Um dos seus principais objetivos é descobrir novas instituições, procedimentos e conceitos capazes de coletar e reagrupar o social.

Milton Santos orienta a nossa análise quando propõe categorias analíticas que iluminam a arquitetura do espaço, e Bruno Latour orienta para as relações humanas. A pergunta que sucede é: como essa inovação transforma a democracia? Compreendida no seu sentido pleno e que está associada ao fortalecimento de suas instituições e aos princípios do poder imanente em todas as suas instâncias.

Para então recorrer à categoria território (Rafestin, 1993), que examina as relações de poder sobre um determinado espaço. Esse é o desafio proposto no presente livro, que tem por objetivo examinar os processo espaciais, a formação de redes tecnopolíticas, suas narrativas e seus resultados sobre a democracia, como elas estão indissolavelmente ligadas ao processo de transformação do território.

Este trabalho coletivo foi realizado no Laboratório Espaço do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ), onde os pesquisadores associados desenvolvem seus objetos de investigação de forma autônoma, a partir de um método de investigação compartilhado. A realização do trabalho coletivo em laboratório de pesquisa não é uma fácil tarefa. É preciso considerar que temos uma dimensão individual e outra coletiva, e na dimensão individual o nosso ponto de partida considera que a delimitação do objeto do conhecimento é produto de uma subjetivação. Cada pesquisador tem uma causa própria que se transforma em questão e depois em objeto. Na dimensão coletiva se considera o método de fazer a produção do conhecimento, ou seja, a forma como se organiza o pensamento para alcançar a delimitação do objeto empírico, que é desenhado pela identificação dos atores, processos e fatos que acontecem no presente. A identificação de categorias e conceitos do objeto teórico, para enfrentar o desafio de fazer a análise em linha demonstrativa. Isto é, reconhecer o trabalho individual na subjetividade do pesquisador e o trabalho coletivo na objetivação e aplicação do método para a produção de conhecimento novo (Ribeiro, 2012).

Para fazer a coesão entre as diferentes pesquisas em desenvolvimento parte-se do método de investigação que resulta de um diálogo com Pierre Bourdieu (1999) e Ana Clara Torres Ribeiro (2012). É uma forma de construir um pensamento focado na análise do presente, do que existe na realidade. Trata-se de aplicar um método para fazer pesquisas sobre diferentes objetos. Considera-se que o trabalho de orientação tem esse desafio: ensinar o método para mostrar os caminhos e as possibilidades e seguir adiante, sempre atento às potencialidades analíticas de cada nível de formação. Sabemos que não somos iguais. Cada pesquisador reúne no seu pensamento os acervos formados ao longo de sua trajetória de formação e pes-

quisa, sendo que a responsabilidade do orientador/coordenador é a formação para a pesquisa. Para tanto, torna-se necessário escutar os pesquisadores e reconhecer e valorizar as potencialidades de cada um, para ampliar as suas possibilidades analíticas.

No processo de formação, o que temos assistido tanto na graduação quanto na pós-graduação é uma formação “bancária”, o que significa que, estudando os clássicos, se supõe que o pesquisador terá o acervo necessário para desenvolver a sua capacidade analítica. Não necessariamente. Importa é aplicar um método que tenha um objeto empírico e um objeto teórico, sendo a análise resultante da associação do pensamento entre objeto empírico e objeto teórico. A maior dificuldade é decupar o objeto empírico: identificar os atores, processos e fatos que compõem o seu objeto. Parece fácil, mas não é. Podemos afirmar, depois de muitos anos como professora da pós-graduação, que existem muitas dificuldades para olhar para a realidade e reconhecer os elementos que a conformam. O hábito de encontrar na teoria a análise de tudo que nos rodeia, dificulta olhar para as verdadeiras condições da existência. E com isso se repete *ad infinitum* que “o culpado é o capitalismo”. Para fazer esta pesquisa, o primeiro passo foi então olhar para o objeto empírico que existe no presente:

- Para dar conta dessa problemática, era preciso ver e compreender como a inovação tecnológica transforma o espaço?
- O que muda nas formas de organização social e política, dada as possibilidades de formação de redes sociotécnicas?
- Quais são suas derivações sobre a democracia?
- Como as redes sociotécnicas transformam o território?

Para responder a essas perguntas foi realizado um conjunto de pesquisas associados à existência de fatos que fossem capazes de fazer essa demonstração. Para avançar nessa direção, se inicia pela pesquisa empírica. Foi preciso analisar o espaço para compreender como se forma a rede tecnopolítica pela fluidez e conectividade da comunicação, que produz narrativas e transforma a subjetividade coletiva, para, então, fazer as articulações analíticas necessárias para examinar seus resultados sobre a democracia e a transformação do território.

Esse processo não nasce de uma só tacada; são necessárias muitas pinceladas para se chegar nos produtos que apresentamos a seguir.

Eixo 1: Rede tecnopolítica e democracia

Nesse eixo estão reunidos artigos que fazem a necessária articulação entre as redes tecnopolíticas e a democracia. Os artigos focam em diferentes objetos do conhecimento para fazer a demonstração da problemática.

No artigo “Rede tecnopolítica de extrema direita e democracia no Brasil”, de *Tamara Tania Cohen Egler*, professora do IPPUR e coordenadora do Laboratório Espaço, o trabalho principal é orientar a investigação para analisar a rede tecnopolítica de extrema direita no mundo. Para tanto, a questão proposta considera as relações entre tecnologia, política e democracia, sendo seu objetivo identificar seus agentes, examinar a divisão do trabalho, analisar suas articulações e as narrativas que nela circulam, para demonstrar que seus vetores de comunicação produzem uma subjetividade coletiva de extrema direita. Destaca a participação da indústria da influência que, por meio de seus algoritmos, produz a análise de dados capaz de reconhecer os grupos sociais-alvo, que se identificam pelo modo de pensar, fazer e ser compartilhado, para os quais são direcionadas as *fakes news*, que produzem uma “realidade paralela” e “dissonância cognitiva”. Transformam as relações de poder no mundo em benefício de valores autoritários e conservadores.

A metodologia tem por ponto de partida a interdisciplinaridade, que associa conhecimentos de ciência política, da comunicação, da computação e geografia. O levantamento de dados foca na estrutura de ação da rede de extrema direita global e sua representação no Brasil. Os procedimentos estão apoiados num banco de dados que documenta a informação e aplicação de programas de informática para representação das redes. Os resultados analíticos identificam os atores e agentes, examinam a divisão do trabalho na rede tecnopolítica para analisar suas narrativas, os processos e estratégias do poder de direita, e demonstrar a ampliação da participação política para além dos partidos políticos. Não menos importante é revelar as articulações entre a extrema direita global com a extrema direita do Brasil e seus desdobramentos sobre a democracia no Brasil e no mundo.

O artigo de *Rafael Barbosa Simões*, “A rede nacional de desinformação: um problema público” – graduando do curso de Gestão do Desenvolvimento e bolsista no Laboratório Espaço –, apresenta uma reflexão sobre o fenômeno da desinformação institucionalizada no Brasil, com base numa pesquisa empírico quantitativa realizada a partir da análise dos depoimentos prestados à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das Fake News e a representação da rede sociotécnica do Gabinete do Ódio. Os resultados da pesquisa mostram como o fenômeno das desinformações está em constante crescimento e ganha força ao ser institucionalizado e apoiado por líderes políticos desde a corrida eleitoral de 2018. Um fenômeno que se propaga pelo Brasil, uma rede nacional de desinformação, articula-se no meio virtual a partir das redes sociais. Ele aponta como o espaço político – estimulado e mantido pela desinformação – contribui para o descrédito das instituições públicas e deseduca o cidadão a ponto de colocar em risco a vida de uma nação inteira, por deslegitimar a saúde ao manipular a opinião pública, como no combate à Covid-19. Ao mesmo tempo, tenta destruir a credibilidade e importância da ciência. Uma ação política contra a democracia brasileira.

Marcelo Cavalcanti Vianna é doutorando no Laboratório Espaço e participa da coletânea com o artigo “Entre estradas e percursos: ação imanente do Coletivo Educação do Campo do Norte Fluminense”, analisando algumas das ações da Rede do Coletivo Educampo NF. Tem por objeto de ação uma educação contextualizada para as áreas de assentamento da reforma agrária e quilombos. Na Rede do Coletivo Educampo NF se articulam ativistas, agentes pastorais, sindicatos, organizações não governamentais, agentes públicos e pesquisadoras e pesquisadores de instituições públicas de ensino superior, atuando no território fluminense. Ao mesmo tempo foca na proposta do governo para a Educação no Campo. Sua pesquisa faz o reconhecimento das narrativas que derivam dessas duas organizações, uma primeira, de natureza imanente, resulta de uma relação *de baixo para cima*, e uma segunda, transcendente, formulada pelos técnicos governamentais, *de cima para baixo*. Na disputa por reconhecimento e garantia de direitos nos municípios de Campos dos Goytacazes, São Francisco de Itabapoana e Cardoso Moreira, no Estado do Rio de Janeiro

É uma análise política que reconstrói a história das lutas, articulações em rede, fluxos e refluxos coletivos para fazer a análise dessas relações na tessitura desse emaranhado. Essa região presenciou a ação de lutas pela terra realizadas pelos camponeses e camponesas, ex-trabalhadores e trabalhadoras das usinas e as populações das periferias urbanas em meados da década de 1990, tanto pela CONTAG quanto acampamentos organizados pelo MST. Nesse contexto, é importante compreender em que medida a concepção e o sentido de Educação do Campo ganha forma na região e como se articulam com as redes de Educação do Campo promovida pelos movimentos sociais e sindicais de luta pela educação diferenciada. Ao longo de duas décadas o Coletivo Educampo do Norte Fluminense reuniu sujeitos de diversos setores para contribuir na conquista e garantia de direitos básicos das populações do campo. Contribuí, desde 2008, com diversos espaços de debates e formação com ênfase na metodologia popular, como forma de fortalecimento da cultura camponesa e o apoio à adesão de programas que possam servir de experiências para a política de educação contextualizada.

Eixo 2: Redes sociotécnicas e transformação do território.

O artigo “Redes e territórios olímpicos”, de *Tamara Tania Cohen Egler, Lalita Kraus, Fabiana Mabel Oliveira e Heitor Ney Mathias*, demonstra como a Rede Olímpica deixa marcas sobre a Cidade do Rio de Janeiro. Essa forma de pensar orienta nossa análise para examinar como essa rede produz uma rede de territórios na qual se expande o seu processo de acumulação. Estamos diante de uma estratégia política, econômica e cultural que articula a associação de organizações internacionais e nacionais, capitais públicos e privados, e indivíduos em rede sociotécnica que articulam uma estratégia política em torno do desígnio compartilhado para realizar os Jogos Olímpicos. O resultado de sua ação é a produção de uma rede de territórios globalizados, um *cluster*, para acolher uma ampla mobilidade de turistas para o consumo de bens simbólicos, imateriais, socialmente desnecessários.

O objetivo da pesquisa é investigar como esses atores se organizam com vistas à realização do megaevento olímpico e como essa política concebida no âmbito de um espaço internacional transforma as relações de poder sobre o lugar. O maior desafio consiste em *ver e ler* as relações que se estabelecem entre a rede de atores, aqui denominada Rede Olímpica (RO), para analisar suas estratégias políticas, os investimentos públicos e privados, os processos de comunicação, a ação do capital imobiliário, a mobilidade de turistas e a produção de territórios simbólicos.

Estamos diante de uma forma de organização poderosíssima, que se situa além da forma originária do capital, muito além do processo de valorização do capital financeiro, industrial, da aliança de elites ou de parcerias. Trata-se de uma totalidade que representamos por uma metáfora de rede, uma associação entre atores que exige uma análise específica de suas práticas políticas, econômicas e culturais. É preciso encontrar caminhos analíticos capazes de desvendar a complexidade de valorização do capital, condensada na produção de um megaevento esportivo.

Para *Juan Manuel Salmenton* – mestrando no Laboratório Espaço –, que participa da coletânea com o artigo “Redes de dominação e resistência no Planejamento Urbano: o Autódromo de Deodoro e a Floresta do Camboatá”, o foco está na proposta de transformar a Floresta do Camboatá em um autódromo. Para isso, são reconstruídas duas redes tecnopolíticas: uma primeira, associada ao interesse de construção de um autódromo na floresta; e uma segunda, organizada no movimento social “SOS Floresta do Camboatá”, que faz a defesa da permanência da floresta. A construção do Autódromo de Deodoro implicava o desmatamento da Floresta do Camboatá, último remanescente da variante de terras baixas do bioma Mata Atlântica no Município do Rio de Janeiro.

A resistência ao projeto, articulada pelo movimento social “SOS Floresta do Camboatá” por mais de dez anos, desenvolveu formas de ação originais, vinculadas às novas dinâmicas de comunicação. A pesquisa realizada informa como as duas redes contaram com a participação de atores da sociedade civil, do Estado e agentes internacionais. A pesquisa forneceu-nos subsídios sobre como ambas as redes se organizaram no espaço híbrido. A primeira, ao que Milton

Santos definiu como uso do território como recurso; e a segunda, ao seu uso como abrigo. A elaboração de uma cronologia da ação foi chave para detectar processos nos quais se inserem as suas ações, desde 2008 até 2022, revelando o enfrentamento entre o poder do capital financeiro internacional e o direito à cidade.

Carolina Oliveira de Andrade Lemos, mestranda no LabEspaço, no artigo “#ELENÃO: movimento social em rede na zona oeste do Rio de Janeiro”, foca no movimento social # ELENÃO, que se organizou a partir do movimento feminista e se consolidou em 2018, durante as eleições para a Presidência da República, e tinha por objeto de reivindicação fazer uma campanha contra a eleição de Bolsonaro. Inaugura formas de organização do movimento social feminista agora nas redes tecnopolíticas. Trata-se de um movimento social que já existe há muitos anos e sua forma de organização se expande para além do território, quando a fluidez e a velocidade da informação e comunicação permitem uma difusão rizomática: em poucos dias chegou a reunir a participação mais de 4 milhões de mulheres, inaugurando novas formas de militância feminina, agora pela mediação de redes tecnopolíticas.

As mudanças sociais provocadas pela revolução tecnológica irromperam a quarta onda do feminismo, e a participação política das mulheres no processo eleitoral de 2018 não deixou quaisquer dúvidas sobre a importância das redes. Como qualquer outra novidade, essa nova forma de organização social está vulnerável às múltiplas ênfases de análise, e no artigo a ênfase reside na análise da fluidez do Movimento #ELENÃO entre o ciberespaço e as ruas. A rede #ELENÃO, ao penetrar na dimensão espacial concreta das relações sociais, teve de enfrentar condições territoriais específicas para sua organização e resistência.

Concluindo

A nossa demonstração tem por objetivo associar as redes tecnopolíticas e suas derivações sobre a democracia e as mutações do território. Para tanto, as pesquisas realizadas demonstram como os coletivos se organizam, em redes que se conectam e interagem no espaço híbrido global, e outras que se organizam nos movimentos

sociais preexistentes, nos lugares. Todas dependem da existência de sistemas informáticos que formam um espaço no qual se sobrepõem tecnologias de diferentes momentos históricos. As formas de sua organização dependem de sua capacidade de fazer as conexões e interações necessárias para a formação das redes. Tanto na rede de extrema direita global, como a rede bolsonarista no Brasil, aprendemos como a formação de coletivos em rede inauguram formas alternativas de poder político, para além das formas tradicionais dos partidos políticos (Empoli, 2021). A arquitetura das redes, e suas narrativas fictícias, destroem a existência social e inauguram uma “realidade paralela” (Rocha, 2021) que representa uma sociedade que não existe, o que forma uma subjetividade coletiva fictícia e produz uma ação política derivada da manipulação de fatos.

Se a democracia é um regime de justiça, igualdade perante a lei e oportunidades iguais, a manipulação da realidade, apoiada em acusações de pessoas, pela inversão dos processos e por fatos destituídos de realidade, destrói os fundamentos da democracia, suspende a capacidade analítica e produz uma ação política apoiada numa sociedade inventada. Visto que as redes sociais estão sendo ocupadas principalmente pelas organizações de extrema direita, e por corporações capitalistas, elas continuam agindo e produzem um deslocamento de um ideário democrático para um autoritário, no Brasil e no mundo. Sendo a nossa responsabilidade inventar formas de desconstruir essas organizações coletivas de extrema direita e suas narrativas. Para fazer a proteção da democracia.

Observa-se como as redes tecnopolíticas exercem um poder transcendente, de *cima para baixo*, autoritário. E também um poder imanente, que se exerce *de baixo para cima*. Justifica-se por que é necessário trazer à luz a existência do espaço híbrido que determina, molda, as relações de poder no mundo. É nossa a responsabilidade de revelar suas múltiplas determinações, tanto no que se refere ao poder autoritário quanto ao poder democrático. Sendo que para fazer o enfretamento do conflito entre autoritarismo e democracia é necessário propor políticas públicas que sejam capazes de analisar e propor instituições, legislações que sejam capazes de desmontar as redes e suas narrativas, sempre para a proteção da democracia.

Os principais resultados alertam para a existência de uma poderosa rede tecnopolítica de extrema direita que atua em nível global, sendo sua face local lida na eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência do Brasil. Ao mesmo tempo se revelam as relações que se estabelecem entre redes e territórios, lidas tanto no conflito da Floresta de Camboatá como na rede #ELENÃO, que fez resistência à eleição de Jair Bolsonaro e passa a renovar o movimento feminista no Brasil. Esse era o desafio: demonstrar o conflito que existe entre redes transcendentais e imanentes que se formam no espaço híbrido complexo, onde se condensam vitalidades e virtualidades. Em defesa de um ideário autoritário de extrema direita e um outro libertário e democrático. O futuro está na rede tecnopolítica e vai depender do poder de resistência de cada uma, que se organizam para o alcance do aprofundamento do autoritarismo ou da democracia.

Não menos importante é fazer as devidas relações entre democracia e território. A literatura sobre o tema valoriza uma análise que compreende os processos de transformação do território, lido pela economia, a política e a sociologia, e nosso propósito é incluir a inovação tecnológica como fundamento dessa transformação.

As pesquisas realizadas são inequívocas quando apresentam as relações entre redes, democracia e território. Podemos ler isso na pesquisa da Rede Olímpica no Rio de Janeiro, e como ela transforma a cidade, produzindo territórios – socialmente desnecessários – para garantir a acumulação de capital. Enquanto o conflito entre as redes que defendem a construção do autódromo, como recurso, e aquelas que defendem a manutenção da floresta, como abrigo, definem as relações de oposição entre os interesses da rede global e os interesses dos cidadãos e seu direito à cidade. Igualmente importante é ler e compreender como a rede # ELENÃO se constitui numa ação política do movimento feminista que produziu importantes transformações no território da zona oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

A inovação tecnológica transforma a democracia e o território. Precisamos estar atentos para compreender que a inovação tecnológica veio para ficar, sendo nossa a responsabilidade de desconstruir narrativas fictícias, defender a democracia e alcançar condições de justiça social e paz nos territórios do Brasil e – por que não dizer? – no mundo.

Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- EMPOLI, G. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Salvador: Ed. UFBA, 2012; Bauru/SP: Edusp, 2012.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.
- ROCHA, J. C. C. *Guerra cultural e retórica do ódio*. Goiânia: Caminhos, 2021.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

EIXO I
Rede tecnopolítica e democracia

Rede tecnopolítica de extrema direita e democracia no Brasil¹

Tamara Tania Cohen Egler

Thiago Costa Pereira

Introdução

A questão proposta é examinar o avanço da extrema direita que vem ganhando importante poder no mundo e no Brasil. O objeto de investigação é a Rede Tecnopolítica de Extrema Direita, sendo o nosso desafio identificar seus agentes e atores, examinar a divisão do trabalho, ler suas narrativas, representar a sua formação e analisar sua ação política para demonstrar sua importância na ampliação do poder de extrema direita no mundo. Para tanto, se identifica a concepção, financiamento, análise de dados, formação de públicos-alvo, produção e difusão de narrativas que produzem desinformação. Para fazer a nossa demonstração é necessário analisar como essa rede tecnopolítica transcende os estados e nações, para atuar sobre o espaço híbrido global. Conforma um novo ator político, que produz mutações sobre os processos políticos, atinge a democracia e o território, transformando as relações de poder no mundo.

Nosso ponto de partida é verificar como se deu a unificação de diferentes agentes que atuam a partir de uma estrutura valórica tradicionalista, de extrema direita. Esses agentes concebem, produzem e difundem narrativas fictícias nas plataformas e contam com a participação ativa de agentes financeiros e indústria de influência. Produzem um conjunto de vetores que se difundem nas redes sociais e manipulam as mentes das pessoas, transformando suas emoções e sua ação política.

¹ Artigo a ser publicado na revista Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, no Volume: 46, 2023.